

Credores avisam que aceitam plano de redução da dívida

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Às vésperas da reunião dos Ministros de Economia do Grupo dos Sete, que será realizada hoje, aqui, banqueiros americanos, britânicos, japoneses e franceses manifestaram aos Governos de seus países que estão dispostos a aceitar um esquema que propicie a redução da dívida externa dos países latino-americanos. O mecanismo com o qual eles dizem concordar seria a diminuição dos juros do débito antigo, desde que acompanhada de uma redução também na concessão de novos empréstimos.

Diplomatas desses quatro países, disseram ao GLOBO que a idéia inicial — defendida pelos devedores — de que se renegociasse a dívida com base no atual valor de seus títulos no mercado secundário é rejeitada por todos os credores. Nesse mercado marginal, por exemplo, cada dólar da dívida brasileira está cotado a 35 centavos de dólar. Ou seja: com base nisso, o total da dívida passaria pouco de US\$ 50 bilhões.

Os banqueiros, no entanto, preferem manter o valor nominal dos títulos:

Telefoto AFP



Bush: Reformulação em preparo

— Em vez de aceitar as oscilações desse mercado secundário, os banqueiros preferem que a redução do estoque venha a ser feita com base num desconto dos juros — disse um funcionário do Governo Bush.

Os europeus confirmaram que haveria disposição idêntica de parte dos banqueiros de seus países. E, por isso, disseram que há uma grande ansiedade por se ouvir hoje a exposição do Secretário do Tesouro, Nicho-

las Brady, e do Presidente do Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos, Alan Greenspan.

Ambos deverão colocar na mesa as principais idéias da nova estratégia para lidar com a dívida, que vem sendo estruturada pelos técnicos americanos, a pedido do Presidente George Bush. A idéia é procurar incentivar a redução voluntária de parte dos US\$ 400 bilhões que a América Latina está devendo atualmente.

Isso poderia ser feito através de duas providências: modificação nas leis fiscais dos Estados Unidos — permitindo aos bancos deixar de lado parte do que teriam a receber, mas sem ter de declarar isso como perda; e um reforço ao Banco Mundial e ao FMI, para que estimulem uma política de cofinanciamento com os bancos privados.

— A criação de uma linha de financiamento de contingência seria muito bem-vinda por todos nós — comentou, no final da tarde, um banqueiro americano.

Outro, também credor do Brasil, lembrou que quaisquer que sejam as sugestões a serem feitas pelo Grupo dos Sete, o acerto final dependerá de circunstâncias específicas da economia de cada país.